

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000.— Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

Retirando-me hoje para fóra d'esta capital, deixo o meu illustre amigo e confrade Valentim Magalhães por especial obsequio encarregado da direcção litteraria do «Album» durante a minha curta ausencia.

Rio de Janeiro, 17 de Maio de 1893.

Arthur Azevedo.

SUMMARIO

EDUARDO GARRIDO	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
MARCHA FUNEBRE	Emilio de Menezes.
AS MOEDAS DE OURO DO SOL	Raul Braga.
SUAVE ANGUSTIA	Themistocles Machado.
SERPENTINA	Arthur Guimarães.
DESENGANO	Castro Soromenho.
A CHUVA	Virgilio Varzea.
SONHO, AMOR, ILLUSÃO	Leonidas e Sá.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. DOMINGOS FREIRE

EDUARDO GARRIDO

A biographia d'este meu mestre e collega já foi escripta por Francisco Palha, Mariano Pina, Guiomar Torresão e outros. O *Album* o que devia fazer era transcrever aqui o que disseram esses litteratos notaveis, mas... onde buscar agora e onde encontrar a prosa de suas excellencias? Não ha remedio: executo-me, de cara alegre, depois do imprescindivel *interview*, effectuado alli, no jardim do theatro Apollo, entre dous calices de cognac, —de um lado da meza eu, com a minha carteirinha de notas, o meu lapis e a minha bisbilhotice de biographo, —do outro lado Garrido, puxando o bigode, as palpebras semi-cerradas, abroquelado na sua modestia feroz.

Principio por dizer que elle é o alfacinha mais espirituoso que tenho conhecido; a publicação dos seus bons ditos e repentes occuparia todo este numero do *Album*, e seria preciso, talvez, um supplemento. O diabo tem uma facilidade enorme em achar o lado comico das coisas mais serias; encanta pela despreensão e bonhomia com que solta uma pilheria ou perpetra um *calembour*, puxando eternamente o bigode e amortecendo o olhar.

Já passou dos cincoenta: nasceu em Lisboa, de uma familia nobre — *chapeau bas!* —, aos 20 de Outubro de 1842; mas que tem isto, se conserva o bom humor e o que é mais, a saude dos vinte annos, e promete ir muito longe com o seu bello typo de militar que protesta contra a compulsoria!

Das faxas infantis despido apenas, Garrido fez-se autor dramatico. *Debutou*, como lá se diz, contando apenas desessete primaveras, com uma comedia original, em 1 acto, *De noite todos os gatos são pardos*. Essa producção obteve um grands *successo* no Gymnazio, de Lisboa. O autor entrára no theatro com o pé direito.

Em seguida escreveu, tambem para o Gymnazio, outras peças e alguns monologos em verso, que forain recitados pelo famoso Taborda e por José Carlos dos Santos, o extraordinario actor cognominado por seus compatriotas «o Santos Pitorra». Datam d'esse tempo a *Bengala* e o *Meu amigo Banana*.

Como o *successo* continuasse a sorrir-lhe, Eduardo Garrido logo se vio solicitado por todos os outros theatros de Lisboa, e para todos trabalhou com actividade febril, compondo, traduzindo, imitando, modificando ou alterando peças, peças e mais peças.

Em 1867 visitou a Exposição Universal de Pariz em companhia do já citado Santos Pitorra. O acontecimento theatral da grande cidade era a *Gran Duqueza de Gerolstein*. Santos gostou immenso da peça, e, como tinha empreza em Lisboa, pediu a Garrido quo lh'a traduzisse. Este accedeu, e fez um trabalho tão primoroso, que n'alguns pontos excede o original.

A *Gran Duqueza* alcançou em Lisboa um exito relativamente maior que o de Pariz. D'ahi começou a grande popularidade de Eduardo Garrido.

Em 1870, Furtado Coelho, que estava em Lisboa e vinha ser empresario no Rio de Janeiro, se já o não era, propoz-lhe trazel-o ao Brasil para « montar » aqui a *Pera de Satanaç*.

Garrido aceitou a proposta, e aqui chegou em fins d'aquelle anno. Ao sahir de Lisboa, o rei D. Luiz I mandou chamal-o ao paço e deu-lhe o habito de Santiago. Muitos annos depois pregou-lhe a peça de condecoral-o com a commenda de Christo. Pobre Garrido!

Emquanto se pintavam os scenarios e se apparelhavam os machinismos da *Pera*, o futuro auter dos *Trinta botões* dava ao theatro S. Luiz o *Joven Telemaco*, traducção que positivamente vale muito mais que o original de Eusebio Blasco, e dava á Phenix a *Prinçeza Flor de Maio*, a que se seguiu o *Ali-Babá*. Todos esses espectaculos fizeram epoca.

Representada a *Pera*, cujo *successo* foi estrondoso e retumbante, Eduardo Garrido tornou-se o fornecedor de todos os theatros do Rio de Janeiro, como tinha sido o fornecedor de todos os theatros de Lisboa. Demorou-se aqui cinco annos.

Em 1876 fixou residencia em Pariz, mas depois d'isso tem vindo a esta capital já cinco vezes, e actualmente aqui se acha: é empresario da companhia que trabalhava no Apollo e ha dias se transferio para o Polytheama.

Em Pariz escreveu Garrido alguns trabalhos que têm dado fortuna aos theatros do Rio de Janeiro e Lisboa; entre elles as magnificas traducções dos *Siros de Corneville* e da *Mascotte*.

O seu ultimo grande *successo* foi o *Gato preto*, que enriqueceu o empresario Guilherme da Silveira.

Para o arranjo de magicas e de operetas nunca houve em lingua portugueza escriptor de tanto engenho.

Tem trabalhado muito; o numero de suas peças sobe a 200, e nenhuma ha, mesmo entre as que cahiram, onde se não encontre alguma coisa que applaudir.

Garrido maneja magistralmente o verso portuguez. E' um rimador chofreiro e fluente. Traduz versos com uma graça e, sobretudo, uma espontaneidade realmente notaveis. E' muito cuidadoso na fórma, muito respeitador das regras e preceitos sem os quaes os versos podem ser tudo menos versos. A sua prosa é theatral e portugueza de lei. E' notavel que um escriptor, residindo ha tantos annos em França, seja tão vernaculo, e guarde na memoria um arsenal tão completo de velhas locuções populares e pittorescos adagios. Nesse ponto parece-se com Filinto Elysio.

Fóra do theatro, Garrido tem produzido pouco, mas, ainda assim, os seus versos, espalhados em albums e almanacks, dariam um bom volume. Elle projecta um livro de memorias do theatro em Por-

tugal e no Brasil durante os ultimos trinta annos. Ha de ser uma obra muito curiosa, para a qual não lhe faltarão editores nem leitores.

Garrido tem no theatro das Folies-Dramatiques, de Pariz, e conta que será representada durante a proxima estação, uma opera-comica em 3 actos *Le meunier d'Alcalá*, musica de um joven compositor argentino por nome Clerice, que tambem reside em Pariz. Um empresario de Londres comprou-lhe o direito de representar na capital ingleza a sua magnifica traducção... liberrima da *Dona Juanita*. Nesse trabalho Garrido soube transformar uma coisa informe n'uma agradavel comedia, aproveitando a bella musica de Suppé.

Apraz-me proclamar alto e bom som a minha sympathia e o meu respeito por esse mestre do meu officio, menos apreciado, talvez, do que o devia ser no nosso pequeno meio artistico e litterario, mas devéras estimado pelo publico.

Resta-me apenas registrar aqui que Eduardo Garrido, apesar de ter tido cem *successos* legitimos no theatro, e de ter dado fortunas a ganhar, não tem vintem. E' verdade que nunca possuiu aquella qualidade a que os bons burguezes apatacados chamam *juiso*, mas, em compensação, que alma de artista, que coração de ouro!

Fosse francez, e estava a nadar em ouro. Pode-se-lhe applicar a quadra que elle escreveu, como dedicatoria, num exemplar do *Joven Telemaco* offerecido a Cyriaco Cardoso:

Ao meu amigo Cyriaco,
Que, se nascesse estrangeiro,
Naturalmente seria co-
Nhecido no mundo inteiro.

A. A.

A Alfredo Gonçalves, o nosso estimado collega da *Gazeta de Noticias*, enviamos sentidas condolencias pelo fallecimento de sua querida mãe, D. Carolina Gonçalves.

CHRONICA FLUMINENSE

Perdão, o Sr. Serzedello Correia é um homem logico. Sua excellencia disse á *Gazeta de Noticias* que era « candidato ao repouso », e depois declarou ao *Paiç* que dormira durante quatro dias. Sua excellencia repousou devéras!

E como o Sr. Serzedello já não tem que ser zeloso, pois despio (Lá vae chapa!) a tunica de Nesso que se chama pasta da fazenda, d'esta vez dormio as suas noventa e seis horas a fio sem sonhar com o cambio a 11, nem com o papá

Rottschild, nem com o papão Leroy de Beaulieu.
Parabens, Sr. Serzedello Correia!

*

A nota comica da semana foram as placas auri-verdes do largo de São Francisco. O nome do sauto foi substituido pelo do Sr. marechal Floriano Peixoto, que, como todos os homens que se elevam ás culminancias do poder, tem muitos amigos ursos.

Aquelle pobre largo de São Francisco de Paula, o coração da cidade, é o ponto aonde convergem todas as maluquices indigenas. Os *meetings* ridiculos, os rolos, os conflictos, as barulhadas são sempre allí mais constantes que em qualquer outro sitio da capital. A tudo assiste na sua serenidade de bronze o velho José Bonifacio, que era homem sensato, e parece dizer-nos:—Então? Que é isto, rapazes? Tenham juiso!...

*

Console-se São Francisco de Paula com Santa Thereza de Jesus. Lendo uma de nossas folhas diarias, vi com assombro que deram a uma egua de corridas o nome d'essa freira sublime, que foi, além de verdadeiramente santa, uma grande escriptora, uma eminente poetisa.

Naturalmente a besta que commetteu esse estúpido sacrilegio tem nome de homem.

*

Escrevo esta chronica no momento de embarcar. Vou partir... não para Chicago, *hé!as!* vou partir para Bahia, onde me chamam affectos e saudades.

Valentim Magalhães

*(Et ce nom seul me dispense
D'en dire plus long!)*

presta-se a substituir-me nesta columna, melhor, muito melhor do que o Sr. vice-presidente da Republica poderá substituir São Francisco.

Infelizmente para os leitores do *Album* a minha ausencia não será longa: alguns dias apenas... E como poderia eu voltar a escrever as minhas chronicas, se os leitores tivessem tempo de se habituar ás de Valentim Magalhães?

A.

Acha-se n'esta capital, vindo do Amazonas, o nosso velho e preso amigo João Affonso do Nascimento, acreditado negociante estabelecido na capital d'aquelle Estado.

Antes de abraçar a carreira commercial, João Affonso foi jornalista no Maranhão, sua provincia natal, onde fundou a *Flecha*, um periodico illustrado, scintillante de espirito, de que elle proprio era ao mesmo tempo o redactor e o desenhista.

Comprimantamol-o.

MARCHA FUNEBRE

II

Esvasiaram de todo a cova em que dormiste
O somno a que ainda tens a tu'alma sujeita,
E vem d'ella o som cavo, o monotono e triste
Vão queixume da terra em lagrimas desfeita.

Sinto distinctamente, esse queixume existe:
E' a saudade da terra aos teus ossos afeita,
E' o queixume que vem da cova em que dormiste
O somno a que ainda tens a tu'alma sujeita.

Ha por tudo o rumor de um requiem desolado;
Plangem chorosamente as arvores e os fossos;
Nossas almas lá vão, unidas, lado a lado.

Espalharam á noite os teus brancos destroços,
E a noite, na viuvez do teu perfil amado,
Verte funereamente o luar sobre os teus ossos.

EMILIO DE MENEZES.

AS MOEDAS DE OURO DO SOL

(CONTO DO NATAL)

A grande noite chegára, enfim, mas, para Laurinda, ao envez da alegria, chegára somente a tristeza... Seus paes eram pobres, e os anjos do céu não são justos: os brinquedos mais ricos e mais bonitos são apenas, tambem, para as crianças cujos paes não precisam, para as crianças que mais facilmente os podem obter, comprando-os...

Ella, que podia esperar? Nada. D'esta vez, nem sequer o costumado boneco de louça que os anjos lhe deixavam, durante o somno, dentro de um dos seus pobres sapatos de couro. Era melhor, portanto, dormir, não pensar mais nisso; esqueceria tudo: para que lutar com o somno, a surprender a descida dos anjos sobre o seu leito?!... Elles não viriam: o pae estava agora desempregado, e os anjos são injustos: os presentes eram conforme as posses de cada um: ella nada podia ter, ella nada teria, pois.

Quando bateram as horas de se ir deitar, a mãe chamou-a, abraçou-a muito, beijou-a; o pae, egualmente. Oh! como Laurinda os amava, como lhes queria bem! Isso não obstava, entretanto, a que se sentisse mais satisfeita, que se julgasse mais feliz, se soubesse que, ao acordar, encontraria algum bonito brinquedo a esperal-a... Abraços, beijos... eram os presentes que recebia, essa noite, e de seus paes, mas isso mesmo não eram presentes, que ella os tinha todos os dias, a todas as horas...

Duas vezes apenas, na sua pequena vida de sete annos, Laurinda lembrava-se de ter tido uma ale-

gre surpresa: fóra pelos seus primeiros annos, ao tempo em que a madrinha existia ainda. Os velhos Pedrosos, desejando amparar a filha, haviam convidado uma visinha, senhora rica, a levar-a á pia, e a boa mulher não se esquecia nunca, então, de comprar-lhe o mais bello boneco, pelos dias de festa... pelo Natal, principalmente. Morrêra, porém, e nunca mais, depois, a pequena se recordava de haver recebido outra coisa, que não o costumado boneco de louça.

Risonhas manhas aquellas! A primeira vez, fóra um aparelho de almoço... Oh! que rico aparelho! como contrastava com o de casa! De porcellana porcellana fina, com frisos doirados, passaros e flores pintados á borda! E havia de tudo: pratos rasos, grandes e pequenos (para sobremeza), pratos cobertos, travéssos, molheiros... tudo, numa palavra. Esse dia passára depressa: levar-a a apromptar almoços e mais almoços: as flores todas do seu jardim, do seu exiguo jardim, haviam corrido todos os pratos, symbolisando manjares os mais diversos. A segunda fóra uma boneca do seu tamanho, cabellos louros e anelados, olhos azues, faces vendendo saude, como seu pae dizia; e com enxoval completo: camisas, calças, meias, saias, vestidos; um enxoval tão completo e tão rico, que ella quasi tivera inveja da boneca. E não se cançava de despil-a, vestil-a, nuns extremos de mãe amorosa que nunca acha que a filha esteja a contento...

Hoje, era dormir, e Laurinda, inquieta, com um nó a magoar-lhe a garganta, não podia dormir, no emtanto.

Portuguezes ambos, os paes davam-se com toda a visinhança, quasi toda composta igualmente de portuguezes... Viviam fóra, num arrabalde novo, pobre, as ruas, por calçar ainda, transformadas em boeiros, pelos dias de chuva, as casas muito simples, de tijolos, a pedra ahí sendo cara, porta e janella, sala, tres quartos, sala de jantar, cosinha, e quintal com um poço de onde bebiam.

A unica pessoa rica era «o commendador», de frente, portuguez tambem, enriquecido num negocio de vinhos que conservava ainda, casado, cheio de filhos; e a pequena poz-se a pensar nas surpresas que os esperariam, pela manhã ao se levantarem. Lindas, de certo, lindas; e ricas, muito ricas! exclamava consigo. Ella não era invejosa, nem má; jamais cubicára coisa alguma de ninguem; mas, essa noite, imaginando os bellos brinquedos que os pequenos do «commendador» encontrariam, no dia seguinte, ao despertar, Laurinda sentio os olhos humedecerem-se-lhe de lagrimas, e adormeceu com o rosto sobre o travesseiro a abafar os soluços mais fortes do que a sua bondade...

Horas mortas, quando a mãe e o pae entraram para beijal-a, para trazer-lhe a lembrança do seu amor, não lhe podendo, essa vez, trazer outra coisa, Laurinda dormia calma e socegadamente. A roupa ficára exparsa pelo quarto: o vestido sobre uma caixa, as meias cahidas no chão, os sapatos

abandonados, atirados á toa, diante da janella, bem ao lado da cama, com os bicos abertos em dous logares, uns buracos redondos por onde lhe passavam os dedos, hiantes para fóra, como que sofregos de aspirar o primeiro bafo purificador da manhã. A velha quiz arrumal-a, mas o marido conteve-a, receiando fizesse barulho. E sahiram os dous, com uma lagrima nas palpebras, depois de a terem beijado.

No outro dia, seriam já nove horas, mas Laurinda não apparecera ainda. Inquietos, os velhos entraram de novo no quarto... A menina dormia e o seu somno era tão tranquillo como na vespera. Talvez sonhasse — quem sabe! — que os paes eram ricos e que os aujos tão injustos desciam agora do céo, para trazer-lhe os mais bellos e custosos brinquedos...

Cautelosamente, temendo acordal-a de subito, o velho chegou se á janella e, de manso, abriu as portas, para que a claridade, entrando, a despertasse enfim. O sol, glorioso, num deslumbramento, atravessou as vidraças.

Laurinda despertou, nesse instante, correndo o quarto com a vista, e, no quasi espanto de quem sae de um delicioso sonho, vio, dentro de um dos seus sapatos, duas manchas redondas e fulvas como moedas de ouro, que o sol, penetrando pelos rombos, pintára sobre a palmilha

Foi o seu unico presente nesse Natal.

RAUL BRAGA.

SUAVE ANGUSTIA

A LOPES FILHO

Longo e penoso estende-se o deserto
Da ausencia — atra cicuta que estiola
O coração — o vertice encoberto
Por onde a alma se espedaça e rola.

O pensamento, como um cacto aberto,
Subtil essencia pelo espaço evola...
E nesse doce recordar incerto
O amor mais puramente se acrysolá.

E mais augmenta esse delirio, quanto
Mais se prolonga a tortuosa estrada
Que dois amantes corações separa.

Mas essa dor que recrudesce o pranto
E' como a luz de eterna madrugada
Que a noite escura da existencia aclara.

THEMISTOCLES MACHADO.



EDUARDO GARRIDO

SERPENTINA

Miss Fuller, a vaporosa artista da Serpentina, o bailado ethereo que deslumbrou ultimamente a Europa, transtornou a cabeça ao Carlos, e, a bem dizer, o rapaz vive dia e noite a pensar na extraordinaria fada.

Carlos no entanto nunca a vio, mas com immensa volubillidade descreve-a aos amigos, endeusando-lhe as fórmas e resumindo o que sobre ella assimilou das folhas estrangeiras.

Um dia fez-me ouvir religiosamente o seguinte :

« Que, vestindo, uma sobre outra, diferentes tunicas de gaze, ferida de frente por poderosos focos de luz oxhydrica cujos raios a embebem fantasticamente, Miss Fuller sobresaes qual estranha fada a emergir da luz no centro do theatro, que fica em plena escuridão ; em seguida, toma successivamente cada uma das tunicas de seda transparente, imprimindo-lhes movimentos de ondulação, em espiral, em circulo, em helice, tonteando-nos a cabeça.

« Dizem que é admiravel, parece que vale a pena atravessar o oceano para vel-a, a artista celebre, que semelha ora uma maripoza, ora uma ave do paraiso, ora uma aguia, como nol-a pinta um chro-nista hespanhol.

Em summa—é uma fada disputando primazia ás da legenda, serpenteando em torno da luz, que instantaneamente muda do verde ao rosa, do amarello ao verde.

« Como vês, é um formoso sonho, que proporciona á imaginação alada as melhores impressões, os mais deliciosos e inolvidaveis momentos de felicidade.»

*

São passadas duas semanas.

Encontro o Carlos tristonho, contrariado, sem articular palavra.

Alludo mui propositalmente ao bailado; elle olha-me torvo e diz :

— Maldita Serpentina ! foi a causadora do meu infortunio.

— Como ? porque ? interroguei.

— Como ? porque ?... porque desmanchei um excellento casamento devido ao tal bailado !

— Oh !

— E' o que te digo. Cheguei, vi e venci. A Amelia disse-me que fallasse ao pae, um antigo negociante da rua Theophilo Ottoni; eu apresentei-me e, graças ao bom nome de minha familia, ganhei o consentimento do Sr. Mourão. Entretanto, depois de tudo contractado e encaminhado, uma noite tive o desazo ou a desgraçada ideia de conversar com o Sr. Mourão, e referir-me a Miss Fuller. Em má hora o fiz ! Meu futuro sogro, desde que lhe fallei em *Serpentina*, não me deixou entrar em materia; gabou as que sahiam da sua officina da rua Theophilo Ottoni, e declarou-me que a tal miss não

as podia fazer melhores. Era caldeireiro. Por mais esforços que eu fizesse para explicar-lhe que estava em equivoco, que eu queria referir-me a um bailado, Mourão não me attendia... Desanimei. Vieram-me suores frios quando meu futuro sogro mais calmo quiz ouvir-me. Descrevi-lhe então a Serpentina de Miss Fuller, empregando mais ou menos a mesma linguagem que uzei para contigo o outro dia... Ao terminar, olhou-me ferozmente o Mourão, e disse : — Ponha-se já na rua, seu bilontra ! O dito por não dito : retiro-lhe a mão de minha filha ! O senhor fal-a-ia infeliz com semelhantes ideias de bailados... Serpentinhas só as conheço de cobre, ouviu ? as outras são da sua cabeça ! Case-se com a tal miss !— E imperiosamente apontou-me o corredor. Célere, ganhei a escada, e só soceguei quando me achei na rua. Ahi tens como o bailado de Miss Fuller fez a minha desgraça !

ARTHUR GUIMARÃES.

DESENGAÑO

A JUAN GUTIERREZ

Y no bastó tu célica hermosura
Ni de tus negros ojos el fulgor,
A prolongar un punto tu morada
En este mundo donde gimo yo ?

Para esto vi de lágrimas henchidos
Tus dos vivaces ojos relumbrar,
Cuando á tu alma se rindió la mia
Que no pudo rendirse á tu beldad ?

Y a creer llegué infeliz que acaso el cielo
De mis pesares apiadado al fin
Un porvenir de paz me concedia
Y á conocerte me llevaba alli.

Y embriagado, creyendo en mi fortuna
Tu victoria canté y mi esclavitud,
Y por el mundo se escuchó em voz alta
La pasión que ignorabas solo tu.

Y era así ! que esa cruz con que supiste
De un enfermo calmar el ansia cruel,
Anunciaban lo que hoy tu blanca toca
Y tu sayal publican por doquier.

Quisiste ser el angel del que llora ;
Cúmplase, pues, la voluntad de Dios
Más, esa cruz con que de mi triunfaste
Dame, para triunfar de mi dolor.

CASTRO SOROMENHO.

A CHUVA

Ha seguramente tres dias que não vivo, que não vejo o sol, nem fallo. E' sabbado: são dez horas da manhan. E ella, a minha adorada Everalda, não veio, não virá mais de certo. E no emtanto, dizia-me na sua carta de uma lettra fina e miuda: « Amanhan, quinta-feira, vou. Estou douda por ver-te... saudades... não imaginas... »

A chuva tem cahido e cae incessante, desventurosamente. O céu, pardacento, de uma claridade esmaecida e egual, deixa escapar a agua em fios, como se a passasse por uma peneira gigante.

Um frio horrivel de sezões anda-me nas carnes e o negro e fundo *spleen* aristocratico e *mylord* ataca-me com furia o coração onde o fel rebenta em ondas. Tenho as unhas roxas e a pelle engelhada, como um cadaver. Sentado, o peito atracado á mesa da escripta, o braço direito em angulo, apoiando o queixo, voltado para a janella, os olhos cravados longe, atravez dos vidros açoutados pelas rijas e sonoras bategas, que o vento de léste impelle em rajadas — aqui estou, mudo e tempestuoso, n'uma formidanda excitação de nervos, e penso profundamente na mais amada das mulheres, sentindo, na sofreguidão immensa de a possuir, uma electrica nevrose de ferocidade animal, que me incendeia, delirantemente.

Debalde intento ler. O meu livro mais querido, *O Primo Basilio*, o livro extraordinario, que está aberto diante de mim, não me glorifica, nem me atira para o alto!

E quando, subitamente me aggride o cerebro, como uma desolação, a ideia de que talvez mentisse a mais amada das mulheres, enche-me o peito um furor nefasto e ruge no antro o coração indomado...

Mas não! ouço na escada um passo nervoso e miudo...

E os meus labios por muito tempo ficaram colados aos labios d'ella.

VIRGILIO VARZEA.

Acabam de apparecer os *Contos amazonicos* de Inglez de Sousa, mais conhecido nas lettras nacionaes pelo pseudonymo illustre de *Luiz Dolzani*. Os nossos leitores hão de estar lembrados que d'esse livro demos um interessante excepto no n. 15 do *Album*. Sobre os *Contos amazonicos*, de que foram editores os srs. Laemmert & C., daremos um artigo no nosso proximo numero.

SONHO, AMOR, ILLUSÃO...

(INSPIRAÇÃO DE UMA BALLADA ESCOCEZA)

I

De um bando de pombas mansas
Que eu tinha n'um pombalinho,
Mais brancas que as Esperanças.
Voando num céu de arminho.

Mandei uma, — a mais ligeira,
Uma cartinha levar
A'quella que é companheira
Do meu tormento sem par: —

« Na aldeia em flor, ao domingo,
Ella se touca de flores,
— O mel do aroma num pingo
Lhe tinge o labio de cores... »

Mais loira que as loiras bellas,
Mais loira que o milho loiro,
Enchem-lhe a coma as estrellas
De um doce polvilho de oiro...

Mais branca que a branca lua
— A hostia do altar do céu —
E' a alva epiderme sua,
E o lyrio do colló seu...

Canta-lhe doce alvorada
Na bocca rubra em desejos,
E naquella urna encantada
Chove uma chuva de beijos...

Segue-a uma lucida abelha
Beijando de quando em quando
A sua bocca vermelha
No meio de um doce bando

De beija-flores mimosos,
De leves azas curvadas,
Que lhe beijam cuidadosos
As finas tranças doiradas...

Arrulha pomba, de leve.
O leve canto do amor,
E dá-lhe a cartinha breve
Sem lhe corar o pudor... »

II

Partio a ave ligeira
Ferindo o Azul loiro e casto,
Deixando profunda esteira
De plumas do collo basto...

E foi voando... voando...
Além... além... pelo arminho
Poisando de vez em quando
Nas ramagens do caminho...

Chegou enfim pela aldeia
Nas horas tristes, saudosas...
— Era o sol redoma cheia
Do rubro sangue das rosas! —

Abrio o biquinho leve,
Cantou em doce toada:
« O' branca da côr da neve
Que alveja na madrugada,

O' loira da cor da espiga
Ceifada do ceifador,
Vem de perto ouvir amiga
As queixas do teu amor... »

Correu a creança, e logo
Seguida do seu cortejo,
Queimando a relva de fogo
Do casto fogo de um beijo...

Parou então enleuada
Ao pé da ave tão bella,
Beijou-a desalentada
Como se fosse uma estrella,

E a doce pomba em aneio,
Frisando as pennas de leve,
Depositou no seu seio
A minha cartinha breve...

E veio depois voando
De rama em rama da estrada,
Poisando de vez em quando,
Sempre que estava cançada...

E canta agora, baixinho...
Bem dentro do coração,
Fazendo um sedoso ninho
De Sonho, Amor, Ilusão!

LEONIDAS E SÁ.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TIPOS DE MULHERES)

VI

(Continuação)

— Esta mulher mentio-me ! disse em voz imperceptível o medico, tomando-se ao prumo de um raciocinio criterioso. Sim ! esta mulher mentio-me ! Carmen não pôde pertencer a um *bimano* d'aquella especie ! E' impossivel !

Por seu lado, tambem Dolores murmurava, cerrando os punhos, aconchegando-se melhor entre os cobertores e descansando sobre os travesseiros macios e obedientes á pressão do corpo.

— Este homem enganou-me ! Não me pôde amar, porque ama Carmen. O meu dever de mãe era desejar para minha filha o mesmo homem capaz de me perturbar o espirito e inspirar um sentimento profundo, embora criminoso ; era o meu dever ; mas Carmen ainda não pôde distinguir o bom do máo amor. Está propriamente na idade, em que a mulher não tem necessidade de um amor de homem sincero, entusiastico, exclusivo. O que Carmen, como as

moças de sua idade, almeja, é scintillar, bonita que é, ao applauso de um salão repleto de rapazes elegantes e de mulheres que a marquem e apontem, umas como a rival de todas, e outras como o alvo da mocidade que de dia *troteia* o soalho da Confeitaria Oriental e os passeios da rua Sarandí, e de noite filtra por labios affeitos a beijos de *Char-treuse* o fel das declarações torpes, o veneno que, mais tarde, matará de uma vez as illusões da mulher inexperiente, que imaginou um thesouro ambicionado e não passou de um pretexto, a que se reclinou a libertina vaidade de um dandy ! Sim ! Carmen não almeja o exclusivismo de um amor, deseja ser o alvo exclusivo de todas as atenções. A mulher é sempre assim : o que a domina, dos dezeseite aos vinte annos, é o amor-proprio, depois o coração. Não tenho, por consequencia, de que me accusar ; ella cumpre a lei a que nós todas pagamos irremediavelmente o tributo, eu não tenho forças para me não deixar morrer n'este deserto de familia, onde sou obrigada a pagar, com amor, com um amor sagrado—como o exigem os autores dessas convenções conjugaes—todo o indifferentismo de uma filha, que vive para deleite proprio, e o esquecimento e a inutilidade de um homem, que se diz meu marido, e que só representa um Banco, rico de titulos de divida publica, e escasso, até mesmo, de um beijo !...

E n'isto, o despeito cravou-lhe forte e pesada garra ; enrugou-lhe a fronte. Os labios vibraram com o frio que lhe percorreu o corpo, e as pupillas dilataram-se, como se por ventura d'ellas quizesse chispar uma scintilha electrica.

— Veremos quem ha de ser o vencedor ! disse entre dentes e entendendo a mão em direcção á porta : Se o teu amor por Carmen, se o meu desespero e amor proprio commovido !

E como se tivesse, logo depois, a firme resolução de dormir, cerrou repentinamente as palpebras, e deixou-se cahir n'uma laxidão de pessoa que a pouco e pouco se vae entregando ao somno desejado

Baldado esforço ! Sentia calafrios, gelavam-se-lhe os pés e as mãos, ao mesmo tempo que enrubecia a epiderme á forte temperatura do leito.

Gosava sempre Dolores de uma saude de mulher de aldeia, d'essas saudes invejaveis, que são a consequencia de um cerebro desaffeito a escrupulos e a cogitações e de corpo regado pelo ar balsamico e cuidado com uma alimentação poderosa e revalesciente.

A bem fallar, a esposa do coronel Alvarez Blanco sabia de segredos culinarios e manuseava, em dias festivos de familia e noutros de capricho mulheril, receitas de Vatel e Savarin.

Ia, ella propria, furtar attribuições á cosinheira, e, num *tour de main* de gente senhora do assumpto, bañia umas *omelettes* especiaes, lindas de ver, appetitosas de tomar-lhes o aroma credencial dos meritos da autora.

Entre espirito e materia jogava, como nave em alto mar, a existencia de Dolores. O que succedia era que, quando a materia manifestava os seus phenomenos peculiares, o instincto sobrepujava a alma.

Ora, Dolores não estava acostumada a conservar-se no leito por tantas horas.

Os rins principiavam a mortifical-a, como agulhas escondidas e revolucionadas dentro do corpo.

O estomago, já de minutos antes, entrava em titillações denunciadoras do costumario appetite.

Pousou, então, a mão sobre o botão electrico que lhe ficava á cabeceira, e esperou pela vinda da criada.

A servente entrou e á queima roupa recebeu esta ordem:

— Ajuda-me a vestir.

Correu á porta do aposento; chamou a si as duas azas do cortinado para evitar correntes de ar; disse comsigo que a senhora não andava, dias havia, com a cabeça no seu logar, e foi automaticamente obedecendo.

— Estes fidalgos — pensou — são sempre tolos! dizem-se doentes e, em vez de se deixarem ficar na cama, levantam-se e supportam um dia frio e humido como o de hoje.

A *toilette* de Dolores era a operação que mais conscienciosamente se effectuava naquella casa. Presidiam a ella escrupulos e meticulosidades perdoaveis numa senhora, que, todos os dias, passava minutos seguidos examinando o progresso das primeiras rugas e disfarçando-as á força de *cold-cream* e pó de arroz.

Quando, d'entre a roupa da cama, energia o pé esquerdo, chegou-lhe aos ouvidos, ainda que vagas e silenciosas, algumas notas da *romança* de Paltoni.

— Carmen está estudando? perguntou, continuando a sair do leito. N'esse caso, — pensou, — Lucio já se foi.

E nisto, quando o collo se despia, ao mudar de vestuario, sumiram-se, por sob o linho da camisa, as curvas symetricas dos tentadores seios!

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

E' uma chapa dizer que o nosso theatro está perdido. Os bons actores vão envelhecendo ou morrendo, e nem um novo artista apparece que mostre vocação e muito menos habilidade. Só pretendem ser actores individuos que experimentaram todas as outras profissões sem acertar em nenhuma. O

theatro no Rio de Janeiro é uma especie de refugio de peccadores.

Os empregarios fluminenses recebem constantemente cartas como essa, que abaixo transcrevo, e da qual me fizeram presente na bilheteria de um dos nossos theatros. Leiam-na; no genero é um modelo, infelizmente muito commum:

« Tomo a liberdade de escrever esta a V.^{sa} Ex.^{cia} pela primeira vez.

Servindo de pedire um grande favore em vista da grande enclinação que tenho a carreira theatral desejava muito um logare na sua acreditada companhia.

não fasso quistão de ordenado uma vez que chegue para comere e vestire estou satisfeito.

apenas ha um inconveniente que é eu tere apenas 17 annos de idade mais não Sera isto que dera motivo a V.^{sa} Ex.^{cia} não addemetirme.

desde já fico senseramente agradecido pelos favores que espero de V.^{sa} Ex.^{cia} etc.»

E' tão tolo o postulante, que considera um inconveniente a sua mocidade.

*

Nos nossos theatros houve algumas novidades de que só fallaremos no proximo numero.

*

A Judic é esperada nesta cidade amanha, domingo. Deveriam ir recebel-a a bordo todas as flores dos nossos jardins, todos os passarinhos das nossas mattas, todas as harmonias da nossa encantadora natureza! Salve, mam'selle Nitouche! — sê bem vinda, espirituosa Niniche! Sem ti, morreriamos de aborrecimento!

X. Y. Z.

Aos nossos assignantes em debito rogamos encareçidamente que mandem satisfazer o preço das suas assignaturas.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 123.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.